

## Corpo negro e cinema:

A importância da representação na construção da identidade da mulher negra

Janaina de Jesus Santos<sup>1</sup>  
Valdineide Jesus de Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste estudo, pretendemos compreender discursivamente a constituição da identidade dos sujeitos negros, no curta-metragem *Ana* (Direção de Vitória dos Santos, 2017, 16'38"). Para isso, propomos discutir o corpo negro feminino como lugar de resistência aos estereótipos e afirmação identitária; depois, analisar a produção de sentidos sobre as mulheres negras em planos cinematográficos dessa produção. A partir de referenciais dos estudos discursivos foucaultianos e dos estudos culturais e decoloniais, visamos fazer a inter-relação entre identidade, gênero e corpo negro na atualidade. Seguindo a metodologia dos estudos arquegenealógicos, adotamos a abordagem qualitativa de pesquisa e os procedimentos bibliográfico-documentais nos recortes dos filmes. Assim, são colocadas em funcionamento como operadores teórico-metodológicos as noções de identidade de Stuart Hall (1997; 2003); gênero a partir de Akotirene (2018), Joan Scott (1989) e hooks (2017); e, por fim, raça na perspectiva de Almeida (2019), Gomes (1999; 2002; 2003) e Munanga (2015).

**Palavras-chave:** Cinema.; Corpo negro; Gênero; Identidade; Mulher.

**Abstract:** In this study, we intend to discursively understand the constitution of the identity of black subjects, in the short film *Ana* (Direction of Vitória dos Santos, Brazil, 2017, 16'38"). For this, we propose to discuss the black female body as a place of resistance to stereotypes and identity affirmation; then, to analyze the production of meanings about black women in cinematographic plans of this production. Based on references from Foucauldian discursive studies and cultural and decolonial studies, we aim to establish the interrelationship between identity, gender and the black body today. Following the methodology of archegenealogical studies, we adopted the qualitative approach of research and bibliographic-documentary procedures in the clippings of the films. Thus, some notions are put into operation as theoretical-methodological operators, such as the notion of identity of Stuart Hall (1997; 2003); gender of Akotirene (2018), Joan Scott (1989) and hooks (2017); and, finally, race from the perspective of Almeida (2019), Gomes (1999; 2002; 2003) and Munanga (2015).

**Key-words:** Black body; Cinema; Gender; Identity; Woman.

## Black body and cinema:

The importance of representation in the construction of black women's identity

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade do Estado da Bahia, DCH VI/UNEB, atua no Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade - PPGELS/UNEB e no Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem - PPGCEL/UESB.

<sup>2</sup> Graduanda em Letras Inglês da Universidade do Estado da Bahia, DCH VI/UNEB, bolsista do Programa Afirmativa de Pesquisa e Extensão da PROAF/UNEB.

## **Considerações iniciais**

No Brasil, estereótipos e estigmas marcam a história da identidade da população negra. Ela perpassa por elementos visuais de seu corpo, marcadamente a compleição física, traços faciais e o cabelo crespo. Isto, por um lado, afirma a ancestralidade afrodescendente, mas, por outro, relega os sujeitos a desvalorização e inferiorização social. Trata-se de criação de narrativas e espaços próprios para esses corpos, o que, por consequência, determina outras narrativas e espaços que lhes são proibidas.

Historicamente, as redes discursivas produzem no tecido social esse lugar determinado para homens negros e mulheres negras. Arraes (2013) e Borges (2012) argumentam que esses estereótipos e estigmas não acompanham as mudanças da inserção social da população negra em outras atividades sociais. Quando da escravização dos povos africanos, tinha-se os negros escravizados e, atualmente, tem-se a maioria das pessoas negras ocupando funções de subalternidade ou de desprestígio social. Daí, concordamos com Borges (2012, p. 178) ao afirmar que há uma necessidade em desnaturalizar essa ordem, principalmente nas mídias, por meio da “[...] instauração de outras narrativas capazes de abordar dimensões variadas sobre esse grupo racial [...]”.

Pensar outros modos de existência para negros e negras requer refletir sobre a produção de poderes e saberes e identificar como poder-saber funciona para determinar a identidade de cada um. Assim, concordamos com Oliveira (2019, p.1) ao salientar que a sociedade brasileira “[...] necessita (re)significar relações de saberes e poderes [...]” e “[...] a importância dos espaços formativos, no sentido de reconhecer as bases curriculares antirracistas [...]”. Trata-se de reconhecer a diversidade cultural constitutiva do país e a contribuição dos diversos grupos para seu desenvolvimento.

Nesse horizonte, propomos compreender discursivamente a constituição da identidade dos sujeitos negros, especificamente as mulheres, no filme *Ana* (Vitoria Felipe dos Santos, Brasil, 2017). A partir desse objeto, abordamos questões relativas a raça e corpo negro feminino, temas que atualmente, têm cada vez mais ganhado visibilidade em produções audiovisuais pelo mundo. A temática da identidade negra e as representações sócio-raciais no cinema será abordada na perspectiva dos estudos foucaultianos, teorias raciais e estudos de gênero. O arcabouço teórico-metodológico da arqueogenealogia nos possibilitará analisar os discursos materializados na superfície audiovisual na busca de entender que sujeitos somos nós. Acreditamos que nesse entrecruzamento de campos teóricos, ainda é necessário sondar as noções, suas articulações e suas

possibilidades para a materialidade audiovisual, o que justifica essa sondagem do curta-metragem.

O curta-metragem *Ana*, produzido nas Oficinas Querô, traz a protagonista Ana, uma aluna negra que por falta de referência social não se reconhece como tal. Durante o ano letivo, ela conhece Jeannete, uma professora negra nascida na República do Congo e refugiada no Brasil, que por sua condição é levada a trabalhar na escola como faxineira. Jeannete e Ana são vítimas de preconceito e racismo em diferentes situações. No decorrer da narrativa, a mulher torna-se a principal referência de Ana e juntas encontram uma forma de transgredir a ordem sócio-racial.

Feita essa contextualização, analisaremos discursivamente a produção fílmica e apresentaremos a existência histórica do corpo negro feminino materializado no cinema. A intenção de analisar tal obra vem no sentido refletir sobre o corpo negro como lugar de resignificação e representação de identidade. Nesse viés, a problemática desta pesquisa gira em torno do questionamento de como as condições de existência atuam na construção da identidade da mulher negra. Assim, elegemos dois objetivos específicos: discutir o corpo negro feminino como lugar de resistência a estereótipos e afirmação identitária; e analisar a produção de sentidos sobre as mulheres negras em planos cinematográficos do filme *Ana*.

Portanto, organizamos o artigo nos seguintes tópicos: cinema e dispositivos midiáticos na (re)produção de valores étnicos e estéticos; escola como lugar social de resistência a estereótipos; percurso metodológico; e, por fim, o quarto momento apresenta as análises dos enunciados com foco em gênero e identidade a partir do cabelo e do corpo negro.

### **Cinema e dispositivos midiáticos na (re)produção de valores étnicos e estéticos**

O cinema, bem como os outros meios de comunicação, tem desempenhado um importante papel na (re)produção de valores sociais e étnicos. De acordo com Napolitano (2003, p. 57) isso ocorre, pois “Boa parte dos valores e das mensagens transmitidas pelos filmes a que assistimos se efetiva não tanto pela história contada em si, e sim pela forma de contá-las. Existem elementos sutis e subliminares que transmitem ideologia e valores [...]”. Então, a indústria cinematográfica contribui para a circulação e cristalização de sentidos, muitas vezes fortemente alinhados com os discursos hegemônicos.

As produções cinematográficas sofreram grandes mudanças, dando espaço e visibilidade para outros sujeitos e outras narrativas e mostrando as temáticas de gênero, identidade e raça. Um

dos fatores provocadores está ligado à participação de mulheres e homens não brancos em círculos acadêmicos e profissões socialmente privilegiadas. Desse modo, o cinema reforça sua função de mecanismo de expressão artística e cultural que veicula valores, trazendo à baila esses novos sujeitos, sua identidade, sua história e seus ideais culturais. Em outras palavras, o cinema virou palco para a pluralidade de visões de mundo e diálogo entre culturas de modo a valorizar o respeito, o convívio e as relações étnico-raciais.

Esses sujeitos também reivindicam o tensionamento acadêmico e novos temas são discutidos na área dos Estudos Culturais. Segundo Escosteguy (2006), os Estudos Culturais constituem um campo interdisciplinar que abarca diversos temas importantes relacionados aos conceitos de gênero, raça e identidade entre outros. Assim, os estudos desenvolvidos pelo teórico Hall (2006) apontam que a identidade do sujeito contemporâneo se constitui no encontro com grupos e representações em constante transformação, sendo afetada, principalmente, pelo processo da globalização. Nessa mesma direção, Ferreira (2012, p. 205) alerta que

A forma como as identidades sociais estão representadas têm desdobramentos sociais tanto para negros como para não negros. Para os negros, traz o desejo de não pertencimento, [...], para os não negros, a imagem pode impedir que as pessoas tenham um olhar positivo acerca dos aspectos culturais e de identidade dos africanos, afro-brasileiros ou negros.

É sabido que os sujeitos se relacionam socialmente de formas cada vez mais variadas, de modo que são demandados da indústria cinematográfica novos posicionamentos, novas representações e uma diversidade de narrativas capazes de mostrar aspectos múltiplos dos vários grupos sociais. Hall (2006, p. 38) aponta que identidade é algo formado por processos inconstantes e não algo natural, ela é formada por ações “imaginárias”, está sempre “incompleta” e “em processo” de transformação a todo o momento, “sendo formada” por meios das relações sociais a qual os sujeitos estão submetidos. Na mesma perspectiva, Louro (1999), citada por Gomes (2003, p.171), afirma que “Somos, desse modo, sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Por isso as identidades sociais têm caráter fragmentado, instável, histórico e plural”.

Desde meados do século XX, os dispositivos midiáticos ocupam um lugar central na produção e reprodução de informações e valores nas sociedades ocidentais. Assim, eles colaboram na elaboração, validação e circulação de elementos para a representação dos sujeitos. Foucault (1995), citado por Gregolin (2005, p. 9, grifo da autora) contribui nessa discussão ao explicar que “Certos discursos que circulam na mídia contemporânea produzem uma rede simbólica que forja *identidades* a partir de uma “estética de si”. Nesta ótica, atualmente, as redes sociais engendram a

circulação de discursos como novos suportes de transmissão cultural e reconhecimento de valores e ideias. Daí, percebemos que o processo de construção da identidade dos grupos étnicos se consolida por meio dos variados dispositivos midiáticos, como também por meio da educação escolar e interação social de modo amplo.

Portanto, entendemos ser impossível desvincular a influência dos mecanismos de (re)produção de discursos e imagens na circulação e validação de valores étnicos, estéticos e de outros princípios na constituição da identidade negra. Gomes (2003) aponta que o processo de se reconhecer como um sujeito negro remete a algo que se percebe em alguém mutuamente, agindo assim como dispositivos refletores da nossa imagem. Nesta perspectiva, interpretamos os dispositivos midiáticos como operadores essenciais na criação de outras narrativas e outras possibilidades de existência para sujeitos historicamente subalternizados.

### **Escola como lugar social de resistência a estereótipos**

Acreditamos que uma das principais funções da escola, na contemporaneidade, seja possibilitar outros modos de existência por meio de práticas de liberdade, como entendidas por Foucault (2006). No contexto brasileiro, isso aponta para a necessidade de efetivar esse espaço institucional como lugar de reinvenção das relações sociais, no sentido de destruir

[...] o desrespeito acerca das políticas educacionais brasileiras junto à população afro-brasileira, haja vista que historicamente a ela foi e ainda é negada a garantia de uma educação de qualidade, com respeito às diferenças, divulgação e valorização de sua cultura e afirmação de sua identidade. Contudo, no decorrer do tempo, pequenas mudanças educacionais ocorrem a partir de mobilizações feitas sobre seu direito à educação, pela superação do racismo, pelo autoconhecimento e autoafirmação do povo negro e por sua ascensão econômica e social (OLIVEIRA, 2019, p.123).

Assim, para que haja outros olhares sobre o corpo e a cultura negra, Munanga (2015) esclarece a importância da aplicabilidade das leis federais nº 10639/2003<sup>3</sup> e nº 11.645/2008<sup>4</sup>, que tornam obrigatório o ensino da história e cultura dos povos negros e indígenas brasileiros nos

---

<sup>3</sup> Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira” e dá outras providências.

<sup>4</sup> Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”.

ensinos fundamental e médio. Além disso, de acordo com este teórico, resulta “Daí a importância e a urgência, em todos os países do mundo, em implementar políticas que visem ao respeito e ao reconhecimento da diferença centradas na formação de uma nova cidadania por meio de uma pedagogia multicultural.” (MUNANGA, 2015, p.21). Igualmente, Gomes (2003, p. 181) afirma que a aplicação do ensino dessas disciplinas é essencial para todo sujeito em formação:

O atual contexto de implementação da Lei 10.639 é um momento propício para a introdução no campo da formação de professores, quer seja inicial ou em serviço, de estudos e leituras sobre a relação corpo, cultura e identidade negra. O desafio está colocado. Resta agora entendermos que mais do que um desafio, a discussão sobre raça negra e educação, nos seus múltiplos desdobramentos, é um dever dos educadores e educadoras e também daqueles responsáveis pela condução dos processos de formação docente.

Nesta perspectiva, as ações históricas do movimento negro possibilitaram a produção de políticas de ações afirmativas, tendo como alvo o currículo oficial da rede de ensino nacional. Trata-se de empreender esforços para que a escola não seja mais onde “[...] aprendemos a reproduzir as representações negativas sobre o cabelo crespo e o corpo negro” (GOMES, 2002, p.50). Este é o lugar onde crianças e jovens recebem o ensino formal de saberes, recebem o legado cultural, passam várias horas por dia e vários anos, se configurando como um espaço privilegiado em nossa sociedade para a abordagem de possibilidades variadas de existência para sujeitos negros. Especialmente, as escolas públicas, cujo público atendido é majoritariamente de pardos e pretos, o estudo de elementos culturais de universos não hegemônicos representa a possibilidade de criação de outros lugares e outros papéis para esses sujeitos.

De acordo com Munanga (2015), após os debates proporcionados pelo ensino desta temática, o corpo negro passou a ser visto e a ser materializado como marcas de valores históricos e políticos, pois é por meio dele que expressamos nossos desejos e o que aprendemos socialmente. O corpo é, então, superfície de crenças e referências culturais, de maneira que todo corpo possui elementos que nos possibilitam diversas representações. Estas concepções perpassam as culturas e os sistemas de organização social, por meio de processos de classificação e de representação, sendo percebidas principalmente na exclusão social de grupos historicamente subalternizados. O corpo torna-se, pois, elemento distintivo e hierarquizador para o ordenamento de indivíduos, permitindo-lhe ou proibindo-lhe a ocupação de determinadas posições sociais.

Os discursos engendrados em torno do corpo negro contribuíram para criar estereótipos ainda existentes, pois, como salienta Foucault (2007) os corpos são marcados por eventos do passado, pelas práticas sociais e pelos processos históricos. Sobre o corpo negro na mídia, Borges

(2012, p. 184) destaca que o “[...] sistema de representação gravita normalmente em discursos fundadores que remetem sempre a referenciais mais ou menos estáveis, a despeito da gradual mudança que a questão racial negra tenha sofrido nos últimos anos, principalmente nas esferas publicitária e dramatúrgica.” Dessa forma, os discursos produzidos no período escravocrata sobre o homem negro e a mulher negra ainda circulam e fazem resistência a outras narrativas que apresentem o corpo negro em posições socialmente privilegiadas. Daí a dificuldade de referenciação positiva e formações identitárias outras da população negra, sobre tudo a referência feminina, uma vez que os discursos hegemônicos produzem um lugar negativo para seus traços identitários corporais e culturais, além do silenciamento de sua contribuição nos campos acadêmicos e científicos.

A circulação dos discursos veiculados nas diversas mídias pulverizam ideias que sustentam os estereótipos em torno do corpo negro, produzindo o efeito de naturalização dos sentidos de inferiorização desse grupo racial, bem como das práticas de segregação e discriminação. Nesse contexto, as imagens ou não contemplam a estética negra ou o fazem desvalorizando-a, que, por consequência, dificulta a (re)produção de narrativas diversificadas e positivas. Assumindo a ótica foucaultiana, os sujeitos são produzidos e produtores de discursos que circulam na sociedade. Nisso, frisamos a concepção de Foucault (2007) sobre discurso como um conjunto de enunciados que dinamizam a produção de saberes na esfera sócio-política, desse modo os discursos são controlados por uma estrutura que define quem somos e que espaço devemos ocupar na sociedade, estabelecendo que sujeitos somos. Nessa mesma direção, a analista Gregolim (2007, p. 17) reitera que sua existência é sempre “[...] em relação com um domínio de memória, como jogo de posições possíveis para um sujeito, como elemento em um campo de coexistência, como materialidade repetível.”

### **Percurso metodológico**

Os estudos discursivos brasileiros têm feito esforços teórico-metodológicos para analisar os sentidos veiculados em textos verbais, imagéticos e multimodais, uma vez que considera os discursos como produção linguística e histórica da sociedade. Segundo Foucault (2007a, p. 61), o discurso é um objeto tanto linguístico quanto histórico. Daí, para entender os discursos produzidos é preciso considerar esses dois elementos em complementaridade. Assim, o filósofo aponta que,

O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos.

Assim, não nos cabe analisar as palavras ou os conteúdos para entender a prática discursiva, como se forma e como se transforma, mas buscar o próprio discurso:

Não se volta ao aquém do discurso - lá onde nada ainda foi dito e onde as coisas apenas despontam sob uma luminosidade cinzenta; não se vai além para reencontrar as formas que ele dispôs e deixou atrás de si; fica-se, tenta-se ficar no nível do próprio discurso. (FOUCAULT, 2007a, p. 54)

Nesta perspectiva, este trabalho é uma pesquisa qualitativa tendo como objeto de análise a produção cinematográfica *Ana*, na possibilidade de entender e analisar os fenômenos sociais sob várias perspectivas, em especial, analisar as interações sociais e comunicacionais entre grupos (GIL, 2002).

Além do caráter qualitativo, assumimos a perspectiva do método arqueogenealógico foucaultiano, para o qual é necessário escavar a superfície da linguagem em busca de elementos que dêem pistas sobre os discursos e as condições de possibilidades que a estruturam. Sobre o que Foucault (2007a, p. 55, grifo do autor) afirma: “Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.” Ele considera o posicionamento do(a) pesquisador(a) na própria história e não escondida ou fora dela, parece “estar ao mesmo tempo dentro e fora dos discursos que analisa, compartilhando o seu sentido, ao mesmo tempo em que os coloca entre parênteses.” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 118). Daí, buscamos mostrar os discursos que sustentam elementos que estão tão estabelecidos em nossas práticas que sua apreensão necessita de um recorte e uma focalização escrutinadora.

A partir desse horizonte metodológico, nos debruçamos sobre o filme *Ana*, objetivando encontrar certa regularidade na composição dos planos que pudesse nos conduzir à produção de sentidos sobre as mulheres negras. Daí, selecionamos e recortamos três enunciados audiovisuais, cujo enfoque fosse a mulher negra, como preconizado por Fernandes (2008, p. 61) ao apontar que a escolha deve ser feita minuciosamente, em suas palavras: “Trata-se da seleção de fragmentos do *corpus* para análise; ou seja, quando o analista escolhe seu objeto de análise, ele precisa ainda

selecionar pequenas partes, escolhidas por relações semânticas, tendo em vista os objetivos do estudo”. Ou, ainda, com Foucault (2007a, p. 25),

[...] esses recortes, quer se trate dos que admitimos ou dos que são contemporâneos dos discursos estudados - são sempre, eles próprios, categorias reflexivas, princípios de classificação, regras normativas, tipos institucionalizados: são, por sua vez, fatos de discurso que merecem ser analisados ao lado de outros, que com eles mantêm, certamente, relações complexas, mas que não constituem seus caracteres intrínsecos, autóctones e universalmente reconhecíveis.

Então, recortamos os filmes em cenas e planos e, depois, selecionamos planos representativos delas e estratégias de câmera que desenham de certa maneira os corpos das mulheres negras. Devemos ressaltar que não se trata de buscar significados preestabelecidos do uso destas estratégias, mas de analisar como o conjunto de elementos produz sentidos dentro mesmo dos filmes.

Com base nesses recortes, observamos os elementos audiovisuais, considerando, ao mesmo tempo, os planos e os diálogos; e examinamos a construção da identidade dos sujeitos negros, relações étnico-raciais e a representação de mulheres negras. Analisamos os recortes dos filmes que demonstram o funcionamento discursivo na produção do sujeito contemporâneo e investigamos em profundidade elementos que dialogam com a realidade de mulheres negras. Para o desenvolvimento desta pesquisa, na próxima etapa serão analisados os recortes de cenas dos dois filmes que mostram, em especial, o corpo negro feminino como referência histórica.

### **Análises dos enunciados com foco em gênero e identidade a partir do corpo negro**

Geralmente, uma produção audiovisual é um mecanismo de representação que utiliza elementos como imagens e sons para (re)produzir uma determinada concepção artística e histórico-cultural. Esses elementos podem contribuir para a recepção do público e auxiliar no entendimento de determinados temas. Porém, muitas vezes, eles estão arraigados em sentidos familiares e socialmente aceitos para possibilitar uma maior aceitação do grande público e acabam por não deslocar da função exclusiva de entretenimento para o despertar crítico e a sensibilização para temas como relações étnico-raciais.

Nessa ótica, o avanço tecnológico possibilitou e impôs à indústria cinematográfica várias mudanças e o alcance de novos públicos. Devido ao crescimento populacional e a visibilidade de diferentes sujeitos pelo globo, os debates em torno das questões étnico-raciais, gênero e representação têm se ampliado no espaço cinematográfico e midiático de modo geral. Isso tenciona

não só os dispositivos midiáticos, mas também o conjunto de padrões que subsidiam as identidades, que, inseridas em outras dinâmicas de poder-saber, exigem que sejam mostradas outras dimensões de seu grupo racial num movimento recíproco.

Assumindo esse ponto de vista, voltamos nosso olhar, para o curta-metragem *Ana*, desenvolvido pelo Instituto Querô, uma organização não governamental que, com a ajuda do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), opera o audiovisual como incentivo profissional para jovens em situação de vulnerabilidade social. Sua idealização surgiu de questionamentos sobre a falta de representação negra no audiovisual, observada pelos jovens participantes das oficinas do Instituto. Ele está disponível gratuitamente nas plataformas Wolo Tv<sup>5</sup>, dedicada à visibilidade da população negra brasileira, e também pelo YouTube<sup>6</sup>; e recebeu sete prêmios em festivais nacionais e internacionais, com destaque para a Menção Honrosa no Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo.

A narrativa apresenta a personagem Ana, uma aluna negra que sofre várias situações de racismo e que, por falta de referência social, não se reconhece como tal. Inicialmente, mostra Jeannete em um barco a caminho de seu primeiro dia de trabalho na escola. Embora, sua profissão seja professora, o preconceito por ser negra e por ser refugiada da República Democrática do Congo, a relegam a atuar como faxineira. Ana, a protagonista, tem como dever de casa realizar um autorretrato. Entretanto, o desenho entregue à professora mostrava uma criança branca, com cabelo louro, olhos azuis e traços europeus, algo que visivelmente não a representava. Isso é entendido por Gomes (2003, p. 178) como uma rejeição de seu próprio corpo, que ocorre devido às “[...] marcas negativas deixadas pelas experiências de discriminação [...]”, pois, como sabemos, as questões raciais e étnicas foram por muito tempo silenciadas e estereotipadas, a despeito da diversidade cultural, religiosa e racial no Brasil.

No intervalo das aulas e ao realizar a limpeza do pátio, Jeannete observa Ana, em situações de bullying e racismo na escola. Sensibilizada, a mulher tenta se aproximar da adolescente, inicialmente sem êxito; no entanto, em um segundo momento, na biblioteca sentadas, estabelecem um diálogo e vão se conhecendo. A cena acontece depois de Ana se aborrecer pelo questionamento da professora sobre seu retrato e, ao seu lado, a mulher se senta e se desenha com o lápis de cor marrom.

---

<sup>5</sup> <https://www.wolo.tv/>

<sup>6</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=MO1f8n3gMG8>

**Figura 1.** O Continente Africano



Fonte: Fotograma capturado diretamente do curta *Ana* (2017).

O enunciado em análise mostra em primeiro plano as duas personagens principais do curta. A imagem é construída em ângulo horizontal, de modo em que a câmera focaliza as duas personagens negras com os cabelos crespos amarrados. Neste momento, Ana aparece concentrada na narrativa da origem de Jeannete diante do globo terrestre. Ela fala sobre a República Democrática do Congo, o continente africano, sua cultura e sua língua. Então apresenta-lhe algumas palavras em francês, seu idioma nativo, a exemplo de: “Magnifique”, “Afrigue”, “Cheveux”, “La bouche”, “La peau”<sup>7</sup>. Elas são emolduradas com prateleiras com livros, cartazes e corações coloridos. A composição do quadro evidencia o distanciamento entre elas, não apenas pelo espaço entre os dois corpos, mas pelo corredor de livros e a profundidade do campo que mostra o fundo da biblioteca. É como se houvesse um abismo entre, por um lado, a mulher, suas experiências, sua percepção de si mesma, de sua cultura e do mundo; por outro, a menina, suas fragilidades por ainda se perceber sem identificação e sem representação. Uma tem, literalmente, o mundo em suas mãos e o olha de perto; a outra, olha o mundo ainda à distância, mas tem ao seu alcance os lápis como instrumentos para criar novas existências para si.

De acordo com Fernandes (2008, p. 14), analisar o discurso requer que observemos a produção de sentido como um movimento histórico materializado na linguagem e nas práticas. Daí, o analista do discurso brasileiro afirmar que o discurso “[...] é materializado pela linguagem em forma de texto; e/ou pela linguagem não-verbal, em forma de imagens.” Assim, a imagem em análise nos possibilita a entender a circulação de discursos sobre os corpos negros na história e ao mesmo tempo questionar por que esses enunciados e não outros. É relevante destacar o vocabulário apresentado por Jeannete para Ana - África, cabelo, boca, pele. A sequência, à primeira vista aleatória, tem o efeito de estabelecer uma ligação entre os sentidos dos “ícones identitários” cabelo,

<sup>7</sup> Em tradução livre, “Linda”, “África”, “Cabelo”, “A boca”, “A pele”.

boca e pele dos corpos negros, remetendo à sua origem africana, emoldurados por sentidos positivos marcados no enunciado verbal com a palavra “linda”, no enunciado extra-linguístico com o tom de voz suave, e no enunciado imagético com a iluminação clara e a decoração com os corações.

No trabalho de buscar os detalhes, percebemos que o cartaz atrás da menina é composto pelo enunciado verbal “Mogli, o menino lobo”<sup>8</sup> acompanhado de ilustração temática. O enredo do filme da Disney se desenrola em torno de um menino indiano que foi acolhido por lobos na selva. Além dos lobos, seus amigos são um urso e uma pantera. Apesar de querido pelos animais, um tigre o percebe como ameaça à vida na selva e decide que ele deve ser morto. Acuado o menino sai do grupo em uma jornada de autoconhecimento na companhia do urso e da pantera. No encadeamento dos enunciados das cenas do filme e dos elementos do cartaz, podemos interpretar uma referência ao estranhamento social, quando um membro não é reconhecido pelos outros do conjunto e, como ameaça ao grupo, é aterrorizado, acuado, expulso ou eliminado. Ou, ainda, pensando com Nicholson (2000), é o uso do corpo como causa e justificativa da diferença.

Nesta perspectiva, Munanga (2004) aponta que é importante trabalhar as diversas culturas e o fortalecimento de todas as identidades, a partir de ações educativas de combate a todo tipo de discriminação e de racismo. Também Gomes (2002b, p.40) aponta que “[...] a instituição escolar é vista como um espaço em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas também valores, crenças, hábitos e preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade.” Nesse viés, o espaço escolar deve ser constituído como um ambiente que possibilita a discussão de vários temas e principalmente da pluralidade de seus sujeitos.

O ambiente escolar é um espaço que permite as trocas e o compartilhamento de valores morais, éticos e estéticos e não somente a transmissão de saberes historicamente acumulados. Nesse sentido, é importante a incorporação de temas da história e cultura de povos negros para maior conhecimento sobre a representação do corpo negro e o cabelo crespo, no sentido de que “A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero e pela classe social (HOOKS, 2017, p.174)”. Nesse mesmo sentido, no contexto brasileiro, Gomes (2002b, p. 40) assevera que “[...] lamentavelmente, nem sempre damos a essas dimensões simbólicas a devida atenção dentro do ambiente escolar e, quando o fazemos, nem sempre as consideramos dignas de investigação científica e merecedoras de um trato pedagógico.”

---

<sup>8</sup> Parece uma referência ao filme *The Jungle Book*, dirigido por Jon Fraveau, Disney, 2016, baseado na série literária de mesmo nome, escrita por Rudyard Kipling.

Na continuidade da cena descrita acima, recortamos o fotograma abaixo:

**Figura 2.** O cabelo crespo e sua simbologia



Fonte: Fotograma capturado diretamente do curta *Ana* (2017).

O segundo enunciado reafirma o cabelo como elemento identitário. A composição do quadro evidência Jeannete e Ana no centro capturadas por meio da câmera em diagonal nos rostos e cabelos, emolduradas por janelas, livros, lápis e corações coloridos. Em um primeiro momento, elas conversam sobre a origem da mulher e, ao ser perguntada sobre sua família, Jeannete mostra-lhe a fotografia de seus alunos. Nesse instante, a câmera captura em detalhe o encontro entre essa fotografia e a ilustração que orna a lata de lápis de cor à frente. Parece evidenciar o contraste entre as pessoas de nosso cotidiano e os corpos do cinema hollywoodiano clássico, que são elevados e reafirmados como monumentos a serem rememorados nas mais diversas situações.

Após o momento de aproximação inicial, Jeannete solta seu cabelo e, em seguida, o cabelo de Ana, enfeitando-o com uma rosa. Ela valoriza a beleza do cabelo crespo e demonstra a importância de assumi-lo como sua identidade étnico-racial. Esse movimento de condução para o reconhecimento da identidade é marcado por outros pequenos enunciados, a exemplo da postura corporal de Jeannete, especialmente enquanto arruma o cabelo de Ana, com o queixo acima da linha do horizonte em combinação com a iluminação direcionada para seu rosto, que produzem sentido valorativo do seu corpo e, portanto, de sua identidade.

Vemos uma relação afetiva, que conduz a menina a entender seu corpo e seu ser no mundo de forma positiva. A cena é tecida pela fala de Jeannete ao elogiar o cabelo de Ana: “Uau! Você tem muito cabelo! Uau! É tão bonito! Nossa, gostei muito! Você tem um cabelo muito bonito.”<sup>9</sup> (ANA, 2017). No enunciado imagético, vemos a aproximação entre seus corpos e o enquadramento dos corações entre elas, reafirmando a diminuição de fronteiras entre as duas personagens e o

<sup>9</sup> "Ouah! Tu a beaucoup de cheveux ! Ouah! C'est si beau! Waouh, j'ai vraiment aimé! Tu a de très beaux cheveux."

processo de reconhecimento. Buscando mais detalhes, observamos que os lápis, interpretados acima como instrumentos para criar novas existências, está situado entre a menina e a mulher, produzindo sentidos de construção conjunta de elementos de resistência.

Esse enredo dialoga diretamente com a percepção que Gomes (2002b, p. 41) tem de corpo “[...] como suporte da identidade negra, e o cabelo crespo como um forte ícone identitário”. Portanto, trabalhar tais simbologias no espaço escolar é uma forma de desconstruir estereótipos e estigmas e de ressignificar positivamente a identidade negra. Nessa ótica, o cabelo tem a função de emoldurar o rosto, além de auxiliar na construção da identidade do aluno, ou nas palavras de Gomes (2002a, p. 7) o cabelo é “[...] a síntese do complexo e fragmentado processo de construção da identidade negra”.

É interessante trazer mais um elemento para a análise que é o espaço onde acontece a instauração de outra narrativa para Ana: a biblioteca. Este lugar, tradicionalmente, está relacionado a estudo e leitura, com a finalidade de proteção, conservação e organização de livros e outros documentos nos mais diversos suportes. Podemos tecer a leitura da biblioteca como o lugar socialmente eleito como guardador do saber acumulado e validado pelo grupo. Sabemos que muitos saberes são produzidos todos os dias. Não se trata de pensar o saber como o que é produzido dentro de uma disciplina institucionalizada, ou de uma ciência ou com esboço do que será uma ciência; mas sim como um conjunto de elementos dentro de uma mesma positividade, mesmo campo de formação discursiva. Ou nas palavras de Foucault (2007a, p. 236), “Não se pode identificar as formações discursivas nem com as ciências, nem com as disciplinas apenas científicas, nem com estas figuras que esboçam de longe ciências futuras, nem, finalmente, com as formas que excluem desde o início toda cientificidade.” Saber estaria assentado nas articulações entre aquilo que se pode falar em uma determinada prática; a posição que o sujeito deve ocupar para falar; o campo dos enunciados em que os conceitos aparecem; e as possibilidades de apropriação dos discursos (FOUCAULT, 2007a).

Entretanto, alguns saberes não são eleitos para serem guardados, preservados, organizados nesses templos do saber. Eles circulam nas bordas e nos não lugares. Trata-se de considerar, como afirma Foucault (2007b, p. 8-9), que “[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.” Sobre os saberes, há uma vigilância e procedimentos de exclusão, a exemplo da interdição, em que: “Sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.”

(FOUCAULT, 2007b, p. 9). Diante da afirmação do filósofo, questionamos quem são os sujeitos que, tradicionalmente, têm o *status* de falar em nossa sociedade e por que esses e não outros? A produção do discurso em sua realidade de coisa falada ou escrita é controlada por poderes que se articulam, se reforçam e se transformam. Longe de ser insignificante - e essa aparência já é um efeito de poder - o discurso manifesta as lutas e os sistemas de dominação e, acima de tudo, é, como explica Foucault (2007b, p. 10), “[...] aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.”

Além da interdição, a ordem discursiva foucaultiana apresenta o princípio de exclusão da separação e rejeição. Se referindo à oposição entre loucura e razão, Foucault (2007b) explica que o discurso do louco não podia circular como o das outras pessoas, sendo considerado falso e sem importância nos mais diversos âmbitos, de modo que “[...] a palavra só lhe era dada simbolicamente, no teatro onde ele se apresentava, desramado e reconciliado, visto que representava aí o papel de verdade mascarada.” (p. 12). Daí, voltamos nosso olhar para as bibliotecas públicas e escolares de nossas cidades, quem são os sujeitos que são considerados significativos e indispensáveis para a sociedade, aqueles cujos saberes foram validados e devem ser guardados, conservados e organizados para que outras gerações possam conhecê-los não são os negros e, muitas vezes, sequer como leitores vemos esses corpos povoarem as bibliotecas<sup>10</sup>.

Portanto, interpretamos o encontro entre Ana e Jeannete na biblioteca, no sacrário tradicional do conhecimento, cultura e produção científica, como uma transgressão ao ordenamento dos sujeitos, que esquadrinha o espaço e o tempo e delimita para cada um seu lugar. É uma transgressão da menina e da mulher no limite do que lhes foi permitido existir como negras — Ana um deslocamento da aceitação das determinações externas de como deve ser seu corpo para ser aceita no grupo e Jeannete um descolamento das relações de opressão impostas no trabalho. Transgressão entendida no sentido foucaultiano como um acontecimento no qual o limite é ultrapassado, revelado e invalidado. Transgressão e limite se definem mutuamente, como explica Foucault (2001, p. 32) “A transgressão é um gesto relativo ao limite; é aí, na tênue espessura da linha, que se manifesta o fulgor de sua passagem, mas talvez também sua trajetória na totalidade, sua própria origem.” Elas tomam para si um posicionamento de assumir o perigo de cruzar os limites como uma ultrapassagem para um além da própria existência, como um chamamento para

---

<sup>10</sup> Podemos argumentar ainda sobre a pouca quantidade de bibliotecas públicas e escolares, principalmente em regiões como o nordeste do Brasil, a despeito da Lei nº 12.244/2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país; bem como sobre a localização das bibliotecas nas cidades; o acervo; o acesso; o horário de funcionamento etc. que dificultam a presença de crianças negras.

decidir se se quer explorar as vias do limite e experimentar outros modos de estar no mundo ou a resignação ao lugar que lhe é imposto.

A próxima cena analisada acontece quando Jeannete está de saída da escola, após ser demitida, e Ana lhe presenteia com um desenho:

**Figura 3.** Representação



Fonte: Fotograma capturado diretamente do curta *Ana* (2017)

A câmera em plano diagonal mostra o momento em que Ana entrega a Jeannete um desenho com a imagem da menina e da mulher, como identificadas por ela, com cabelos crespos e pele negra. Isso nos remete a Gomes (2003, p. 178) ao asseverar que “Existem diferentes espaços e agentes que interferem no processo de rejeição/aceitação/ressignificação do ser negro.” No caso de Ana, o principal agente do processo de ressignificação identitária pode ter sido Jeannete, mesmo em sua situação de subalternidade como refugiada e numa atividade desvalorizada socialmente.

É interessante destacar que, apesar de ser tratada como alguém de capacidade intelectual inferior até mesmo pela colega faxineira, a mulher congoleza não abandona sua identidade e zelo por si mesma: após a demissão, ela retira as roupas escuras e impessoais do fardamento, veste suas vestes coloridas que remetem a sua ancestralidade, arruma os cabelos, passa o batom vermelho e segue a vida sem deixar o sorriso. Podemos identificar, igualmente, uma dinâmica de mútuo apoio, num primeiro momento, a mulher foi o referencial para a identidade da menina, oferecendo-lhe subsídio para a construção de sua identidade afrobrasileira; depois, vemos o movimento inverso, em que a menina faz lembrar à mulher quem ela é e sua beleza.

Nesta imagem, o close nas personagens mostra seu cabelo solto e a roupa colorida de Jeannete, que remete às roupas tradicionais africanas. Nessa perspectiva, concordamos com Gomes (2002b, p. 42) ao afirmar que

O corpo evidencia diferentes padrões estéticos e percepções de mundo. Pinturas corporais, roupas, penteados, maquiagem adquirem, dentro de

grupos culturais específicos, sentidos distintos para quem os adota e significados diferenciados de uma cultura para outra.

Assim, para a autora brasileira, abordar pedagogicamente o corpo e o cabelo como elementos da identidade negra pode possibilitar a visibilidade de preconceitos e estereótipos e a criação de outras narrativas sobre tal grupo racial.

Portanto, podemos inferir que este enunciado apresenta o momento em que Ana assume Jeannete como exemplo de representação. Segundo Gomes (2012), os processos de identidade e de representação ocorrem paulatinamente a partir das relações estabelecidas no seio familiar e em outros espaços sociais. Assim, existem imagens representativas de vários grupos culturais e sociais, entretanto, algumas representações ganham maior visibilidade e circulação, de modo que muitas pessoas passam a tomá-las como exemplo.

Esse reconhecimento em torno da representação feminina colabora para os debates sobre a representação positiva da figura feminina negra na mídia. É válido ressaltar, que por muito tempo o corpo negro não tinha espaço na mídia. Sobre isso, Almeida (2019, p. 42) aponta que estes corpos

não estariam nos programas de televisão, nas capas de revistas e nos currículos escolares somente retratando o que de fato é a realidade? Na verdade, o que nos é apresentado não é a realidade, mas uma representação do imaginário social acerca de pessoas negras.

Nesse sentido, o racismo também está presente no espaço escolar, sendo perpetuado pela falta de representação negra no quadro de funcionários com função socialmente privilegiada ou pela forma que estão inseridos nestes lugares.

A despeito dos direitos humanos permitirem acesso irrestrito, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição, as mulheres negras se veem diante dos expedientes racistas e sexistas das instituições públicas e privadas por lhes negarem primeiro trabalho e, depois, o direito humano de serem reclamantes das discriminações sofridas. (AKOTIRENE, 2019, p. 36).

Sendo assim, é importante destacar que mesmo a existência de documentos sobre direito humanos quando o tocante é a população negra e equidade de gênero, muitas mulheres negras ainda são impedidas de ocupar determinados espaços. Scott (1989, p. 21) define gênero como“ [...] um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” Somado a isso as teorizações de Foucault apontam que as distinções socialmente ocorridas entre o sexo masculino e o sexo feminino

são tecidas por relações de poder que determinam o lugar de cada corpo na sociedade, limitando a existência dos indivíduos.

Nesse aspecto, Davis (2016) ressalta que ao longo da história a população negra sempre lutou pelo direito de ser visto como cidadão. A conduta machista e racista do sistema escravocrata foi fundante para as práticas de inferiorização relacionadas à população negra, ainda manifestas nas narrativas e no comportamento do homem branco em relação à mulher negra, principalmente. Sobre essa permanência de estereótipos e estigmas, Borges (2012, p. 188) explica que

As imagens contemporâneas têm ligação subterrânea com imagens de tempos pretéritos. As referências do passado às vezes parecem desaparecer, mas em termo de articulação ganham nova roupagem, permanecem, na maioria das vezes, como suporte de construção de imagens de negros, índios (o cinema americano que o diga), mulheres e outros segmentos vulneráveis.

Assim, o corpo é composto na tecitura de vários discursos atuais e passados, que permitem alguns lugares e interditam outros. A mulher negra é reduzida a sua dimensão corpórea e lhe impede mudanças e narrativas outras.

De acordo com Moran (1995), o uso de filmes como material de apoio educacional torna-se um método poderoso para tratar de vários temas de forma lúdica. Daí, o filme *Ana* pode se constituir em importante recurso pedagógico para abordar a invisibilidade negra e o racismo contra a população negra entre outros temas. Nessa perspectiva, acreditamos que o cinema como linguagem artística pode propor conexões transversais por meio da representação dos corpos, projetando protagonistas negras com suas próprias histórias e seus anseios. Isso nos possibilita refletir sobre o racismo a partir do imbricamento com gênero, raça, classe e espaço escolar que ficam mais evidentes após assistirmos as produções.

Igualmente, consideramos a força do suporte audiovisual na prática pedagógica, como incentivo para deslocamentos e reinvenção das identidades. Daí, concordamos com Canen e Xavier (2011, p. 642) ao asseverarem a importância de “[...] preparar professores para refletirem e trabalharem com a diversidade cultural no contexto escolar significa abrir espaços que permitam a transformação da escola em um local em que as diferentes identidades são respeitadas e valorizadas, consideradas fatores enriquecedores da cidadania.”

Então, pensamos que o cinema pode ser usado como um suporte poderoso no intuito de produzir outras narrativas capazes de ampliar o horizonte identitário de homens e mulheres negros. Desta maneira, estas produções tornam-se socialmente instrumentos de reflexão acerca da relevância das questões de identidade, representação e visibilidade feminina negra.

## Considerações finais

A abordagem discursiva foucaultiana do filme *Ana* possibilitou compreender a constituição identitária dos sujeitos negros, com ênfase na mulher, percebendo a emergência dos discursos sobre seu corpo no domínio de memória fortemente marcado pelo pensamento escravocrata. São discursos (re)produzidos continuamente nas diversas mídias, que reforçam posicionamentos de submissão, violência e servidão (GONZALEZ, 2020).

O corpo negro feminino, com destaque para o cabelo, é alvo de discursos negativos que prejudicam determinantemente o processo identitário de crianças negras. Essa repetição da imagem acaba por produzir um efeito de apagamento da história e dá uma roupagem de atemporalidade, essencialidade e imutabilidade à identidade negra.

É necessário produzir distanciamento de discursos que insistem em reafirmar uma repetição da história. O filme analisado está inserido em uma rede de enunciados que o precedem e busca produzir deslocamentos da estratégia discursiva característica da representação do corpo negro pela mídia. Ele articula outras memórias e evidencia a cronologia do tempo histórico. Trata-se de reelaborar o arquivo da subalternização dos povos negros e inseri-los num lugar discursivo de participação social.

Assim, ao apresentar elementos do cotidiano de muitas meninas e mulheres brasileiras, o curta-metragem possibilita aos telespectadores ampliarem seu repertório identitário e cultural por meio da aproximação do universo das protagonistas. Igualmente, são mostradas possibilidades de resistência à rede de poder-saber, no sentido de produzir deslocamentos nas referências raciais negras. Daí, a importância de que as crianças e adolescentes tenham exemplos positivos de mulheres, em especial, mulheres negras, nas mais diversas as áreas do conhecimento, profissionais e cargos de decisão.

Concluimos que é por meio de dispositivos midiáticos que podemos (re)produzir discursos e narrativas que desloquem a identidade negra dos estereótipos e estigmas, possibilitando a crianças, adolescentes e adultos cruzarem os limites, construirmos um horizonte largo de representações e poderem erigir práticas de liberdade na produção de seus modos de existência.

## Referências

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólem, 2019.

- ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ANA. Direção: Vitoria Felipe dos Santos. Wolo tv: **Oficinas Querô**, 2017. (16:38 mim).
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Trad.: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.
- DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica**. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.
- ESCOSTEGUY, A. C. **Estudos culturais**: uma introdução. In: SILVA, T. T. (org.) *O que é, afinal, Estudos Culturais?* 3.ed., Autentica, 2006 Belo Horizonte.
- FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso**: Reflexões introdutórias. Editora Claraluz, 2007.128p.
- FERREIRA, A. J. Identidades raciais, letramento visual e letramento crítico: imagens na mídia acerca de raça e etnia. **Trabalhos de linguística aplicada**. Campinas, n. 51, v. 1, p. 193-215. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/nvcJpF3RBxCQ6vD9VzfkwwR/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 3 ago. 2022.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.
- FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: MOTTA, M. B. da. (Org.). **Michel Foucault**: Ética, sexualidade e política. Ditos e Escritos V. 2 ed. Tradução: E. Monteiro; I. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 264-287.
- FOUCAULT, M. “Prefácio à Transgressão”. In: MOTTA, M. B. da. (Org.). **Michel Foucault**: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Ditos e Escritos III. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2001. p. 28-46.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 15. ed. Tradução: Laura Sampaio. São Paulo: Loyola, 2007a.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o Poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica**. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995. p. 231-249.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOMES, N. L. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. São Paulo: USP, 2002a. (tese: doutorado).
- GOMES, N. L. **Educação e relações raciais**: discutindo algumas estratégias de atuação. In: Kabengele Munanga. (Org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: MEC, 1999, v., p. 55-62.
- GOMES, N. L. **Educação, identidade negra e formação de professores/as**: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.
- GOMES, N. L. **A contribuição dos negros para o pensamento educacional brasileiro**. In: SILVA, Petronilha B. G. e & BARBOSA, L. M. de Assunção (org.). *O Pensamento negro em educação no Brasil: expressões do movimento negro*. SP, UFSCar, 1997.
- GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos e/ou ressignificação cultural? In: **Anais da Reunião Anual da ANPEd 2002**. Rio de Janeiro: ANPEd, 2002b, p. 1-12.
- GOMES, N. L. **Movimento negro e educação**: Ressignificando e politizando a raça. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012.
- GONZALES, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Org: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GREGOLIN, M. R. F. V. Formação discursiva, redes de memória e trajetórias sociais de sentido: mídia e produção de identidades. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro e João, 2007, v., p. 155-168.
- GREGOLIN, M. R. V. **Discourse analysis: concepts and aims**. *Alfa* (São Paulo), v.39, p.13-21, 1995.

- HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPeA, 1997.
- MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**. Ed. Moderna, [2]: 27-35. São Paulo, 1995. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36131>>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- MUNANGA, K. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. Entrevista. **Revista**, São Paulo, p. 51 - 56 01 jan. 2004.
- NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. Tradução Luiz Felipe Guimarães Soares. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, 2000.
- OLIVEIRA, K. de. **Letramento racial crítico nas séries iniciais do ensino fundamental I a partir de livros de literatura infantil**: os primeiros livros são para sempre. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, Paraná, 2019.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, 20 (2), 71-99. (1989).

*Recebido em: 08 de agosto de 2022.  
Aprovado em: 25 de janeiro 2023.*